



Texto do Livro: Morada fotográficas de Allan da Rosa

São Paulo giro entre puxadinhos acanhados e prédios platinados. O aluguel para maioria é a tonelada de todo mês, lança portão varando o peito e o bolso, secura no estômago, paga pela merreca garantida no malho suado. Quando os Vinténs sobrantes não dão pra inteirar o pagamento, resta morar de favor, num eterno improvisado. E sem arriar quando o dono ou parente abre a cortina na cara do seu sono, o sol queima e abre suas pálpebras. O estuque ouve contigo o converseio todo em alto volume. O amplificador pesa no seu travesseiro. Conforto? Chochinho ou ficção.

Morar na periferia de São Paulo é murchar ou se xingar por dentro, no transporte que é uma epopéia podre, humilhante, até a escravidão das cozinhas, escritórios ou esquinas do centro a cada dia . (Será que já é morada de aluguel, a condução que toma até seis horas por jornada? Que cobra preços de litro de leite, cada vez que rodamos a catraca?). “Esconde o endereço, Fio. Põe o da vó!”, pra conseguir o registro em carteira. Morar nas bordas da cidade é sonhar abrir uma birosca na entrada, colada no portão. Planejar um comercinho pra aliviar a carga, remediar o prato. É a zonzeira e o necrotério dos pronto-socorros, açougues de avental branco, com três vigias para cada médico. É temer a bela chuva, com esgoto transbordando e se exalando, se convidando pra visitar o mocó. O bueiro metralhando as narinas. Há quem chegue a passar o papel higiênico no ar, querendo limpar a brisa. Córquinhos: a saliva cariada da cidade. Aluga alaga aluga alaga. Tábua, tomba, taba.